

## Arte marcial, cinema e espiritualidade: corpo, pedagogia e ritualidade

### RESUMO

Este ensaio filosófico visa apresentar uma reflexão a respeito da espiritualidade no contexto marcial. Para isso, primeiramente será realizada uma breve interpretação do filme “Primavera, Verão, Outono, Inverno... e Primavera”, do cineasta coreano Kim Ki Duk, buscando problematizar algumas relações a respeito do cinema, espiritualidade e artes marciais, sobretudo, na dimensão de combate interior e aperfeiçoamento de si que este filme apresenta. Posteriormente, será feita uma discussão a respeito da espiritualidade e suas relações com o corpo no contexto marcial, buscando expor a dimensão mística da unidade com o todo em detrimento de uma individualidade centrada em si. Também serão explicitados elementos que denotam um caráter sagrado e metafísico no contexto marcial, quais sejam: corpo sutil, rituais e a relação particularmente espiritualizada entre o mestre e os aprendizes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artes marciais; Cinema; Espiritualidade; Filosofia

### Gilbert de Oliveira Santos

Doutor em Educação  
Universidade Federal dos Vales do  
Jequitinhonha e Mucuri  
Departamento de Educação Física  
Diamantina-MG, Brasil  
gilbert.santos@ufvjm.edu.br  
<https://orcid.org/0000-0002-1237-9308>

## **Martial art, movie theater and spirituality: body, pedagogy and rituality**

### **ABSTRACT**

This philosophical essay aims to present a reflection on spirituality in the martial context. For this, first, a brief interpretation of the film “Spring, Summer, Autumn, Winter... and Spring”, by Korean filmmaker Kim Ki Duk, will be performed, seeking to problematize some relationships regarding cinema, spirituality and martial arts, especially in dimension of inner combat and self-improvement that this film presents. Later, there will be a discussion about spirituality and its relationship with the body in the martial context, seeking to expose the mystical dimension of unity with the whole at the expense of an individuality centered on itself. Elements that denote a sacred and metaphysical character in the martial context will also be explained, namely: subtle body, rituals and the particularly spiritualized relationship between the master and the learners.

**KEYWORDS:** Martial arts; Movie theater; Spirituality; Philosophy

## **Arte marcial, cine y espiritualidad: cuerpo, pedagogía y ritualidad.**

### **RESUMEN**

Este ensayo filosófico tiene como objetivo presentar una reflexión sobre la espiritualidad en el contexto marcial. Para ello, en primer lugar, se realizará una breve interpretación de la película “Primavera, verano, otoño, invierno ... y primavera”, del cineasta coreano Kim Ki Duk, buscando problematizar algunas relaciones en torno al cine, la espiritualidad y las artes marciales, especialmente en la dimensión de combate interior y superación personal que presenta esta película. Posteriormente, se hablará sobre la espiritualidad y su relación con el cuerpo en el contexto marcial, buscando exponer la dimensión mística de la unidad con el todo a expensas de una individualidad centrada en sí misma. También se explicarán elementos que denotan un carácter sagrado y metafísico en el contexto marcial, a saber: cuerpo sutil, rituales y la relación particularmente espiritualizada entre el maestro y los aprendices.

**PALABRAS-CLAVE:** Artes marciales; Cine; Espiritualidad; Filosofía

## INTRODUÇÃO

No filme 2001: uma odisseia no espaço de Stanley Kubrick, observamos uma hipótese para o surgimento do pensamento e da imaginação no ser humano. Após entrar em contato com um misterioso monólito, um dos nossos ancestrais teria imaginado e antecipado mentalmente as repercussões de uma ação marcial.

Ao vasculhar o esqueleto de um animal morto, este antigo ancestral teria percebido o poder de um golpe e o uso de um osso como arma, batendo e despedaçando outros ossos. Logo em seguida, aparecem pequenos trechos de cenas em que animais são abatidos e sucumbem ao chão.

Nesse filme, superar concorrentes ou derrubar presas com maior facilidade é o que uma técnica marcial poderá realizar na aurora da humanidade. Também é um golpe de luta que irrompe a fronteira do animal para o ser humano, do uso exclusivo do instinto e da força física para o pensamento e a imaginação que são capazes de possibilitar uma vantagem evolutiva.

Nietzsche (2018) definiu o ser humano como uma corda atada entre o animal e o além do homem, uma corda sobre um abismo. Para este filósofo alemão do século XIX, a grandeza do ser humano é ele ser uma ponte, uma travessia e não um objetivo.

Se no filme de Stanley Kubrick, é um golpe marcial que projeta o animal para a humanidade, neste ensaio, será apresentada a hipótese de que a espiritualidade pode contribuir para que não ocorra o movimento inverso do proposto neste filme, ou seja, que o ser humano não haja compulsivamente igual a um animal através de uma ação marcial.

A argumentação a respeito das artes marciais e a espiritualidade se dará a partir da interpretação de uma obra cinematográfica. Trata-se de Primavera, Verão, Outono, Inverno... e Primavera, de Kim Ki Duk, um filme coreano em que não há nenhuma cena de combate corporal homem a homem, mas que nem por isso, deixa de ser um filme sobre arte marcial.

Em um pequeno monastério flutuante sobre um lago, vivem um mestre e o seu aprendiz. A história destas duas personagens acompanha os ritmos das quatro estações do ano. Nesse filme, o combate será tomado como um processo de aperfeiçoamento do discípulo em busca da paz e da serenidade que foi perdida na infância (primavera), mas que é recuperada na fase madura da vida (inverno).

No filme de Kim Ki Duk, o aspecto combativo associa-se ao refinamento de si e a capacidade de agir com maestria no mundo. É somente no inverno da vida, que o já experiente monge irá praticar a arte de combate corporal, não para derrotar um outro, mas para vencer a si próprio, no intuito de ampliar a sua maestria.

Há um paradoxo nas artes marciais que reside no objetivo de ‘aprender a lutar para não lutar’. A ideia é oportunizar o entendimento dos malefícios da guerra através da prática do combate corporal. Neste sentido, uma potência pedagógica das artes marciais seria a constituição de um espaço e tempo de conscientização dos aspectos benfeitos da oportunidade de estar vivo, uma condição espiritualizada de existência.

Além de uma breve hermenêutica do filme de Kim Ki Duk, será realizada a exposição de algumas relações entre as artes marciais, a espiritualidade e o processo de tornar-se, realçando o corpo sutil, os rituais que ocorrem no contexto marcial e a pedagogia especial entre mestre e aprendizes.

A espiritualidade será apresentada como uma forma de dar sentido aos mistérios da existência e esperança para o ‘terror da contingência da vida humana’. Relaciona-se com a dimensão sagrada e um si mesmo inter-relacionado (ELIADE, 2016).

Nietzsche (2018) diz que somente acreditaria num deus que soubesse dançar, dando indicativos de uma dimensão sagrada do corpo. Neste contexto, a arte marcial pode apresentar uma forma de espiritualidade que reside na prática do corpo em movimento (JÄGER, 2009). Portanto, a dimensão corpórea também possui a condição de atuar de maneira significativa no processo de atribuição e apreensão de sentidos e significados, resultando em uma compreensão arquitetada a partir da experiência corporal que é aquém e além da verbalização.

## **PRIMAVERA, VERÃO, OUTONO, INVERNO... E PRIMAVERA DE KIM KI DUK**

As artes marciais propõem uma dimensão metafísica<sup>1</sup> na sua filosofia prática de realização, na medida em que propõem um tempo e espaço diferente da existência profana. Isso se a prática marcial propuser uma concepção de corpo sutil, rituais de sacralidade ou uma relação espirituosa entre o mestre e os aprendizes. Em certa medida, é o que ocorre em Primavera, Verão, Outono, Inverno... e Primavera, do cineasta coreano Kim Ki Duk.

Este filme é carregado de silêncio e paisagens exuberantes que contrastam com o estado mental agitado e conflituoso das personagens ao longo das estações em que a narrativa se desenvolve:

O estilo da poética visual de Kim Ki Duk se constrói por paisagens pintadas que atuam como evocações serenas do mundo natural, as quais contrastam com o estado mental agitado e conflituoso das personagens de seus filmes. As narrativas fílmicas de Kim Ki Duk magistralmente mostram-se como um exercício

<sup>1</sup> Tipo de conhecimento que possui uma abrangência geral e extrapola o que pode ser dado na experiência atual ou possível, atingindo o campo do que é apenas pensável (GIACÓIA Jr., 2010).

simultâneo de respeito e de desconstrução dos códigos do realismo através da incorporação de elementos metafísicos (tradução nossa) (CHUNG, 2012, p. 02).

Em Primavera, Verão, Outono, Inverno... e Primavera, tem-se uma obra que se aproxima de uma pintura visual com fundo metafísico, pois o cineasta coreano iniciou sua trajetória artística no universo das artes visuais, através da pintura (RUBIO DOS SANTOS, 2015). Este filme é carregado de elementos metafísicos e devires que tendem a transcender o controle racional humano (MIN, 2008).

A trama acompanha a vida de um monge ao longo de cinco etapas de sua vida. Para cada uma destas etapas, uma estação do ano. Na infância (primavera), é preciso aprender a empatia; na juventude (verão), o desapego; na idade adulta (outono), a responsabilidade; na meia-idade (inverno), a sabedoria; no retorno da primavera, o monge pode agora renovar o ciclo e ensinar o seu conhecimento a um jovem discípulo.

Kim Ki Duk é também conhecido como o cineasta do silêncio. É o silêncio ou os sons da natureza que predominam na narrativa, como se o espectador fosse convidado a sentir a beleza que se expressa na ausência de civilização e do falar humano. É este silêncio que potencializa a expressão da paisagem e dos sons da água, do vento e de outras manifestações da natureza. Estes aspectos juntamente com os símbolos espirituais que ocupam o cenário, revelam uma dimensão espiritual de tradição budista (MIN, 2008).

O budismo é uma das principais tradições espirituais do oriente e, desde os pequenos gestos, o comportamento, as artes e até a estrutura política de alguns países, de alguma forma, estão relacionadas com esta tradição religiosa, de modo que não é possível uma compreensão profunda das artes marciais de matriz oriental sem levar em consideração a herança cultural budista.

O budismo possui suas raízes no século V a.C. na Índia, através de Sidarta Gautama, também conhecido por Buda. Sidarta Gautama (560-480 a.C.) foi um príncipe herdeiro de um reino próximo ao Himalaia, Índia. Foi educado em uma vida de prazeres e luxo, que ele abandona para a vida de mendicante religioso (ARMSTRONG, 2001).

O budismo traz à tona o princípio de insatisfação permanente que caracteriza a condição de submissão à roda do *samsara*<sup>2</sup>. A saída dessa roda consiste em extinguir o desejo e o *karma*<sup>3</sup>, alcançando o *nirvana*<sup>4</sup>:

---

<sup>2</sup> *Samsara* advém da raiz em sânscrito *sar*, que significa escoar-se e evoca a perpétua errância, o fluxo constante e universal dos seres vivos (CHENG, 2008).

<sup>3</sup> A palavra *karma* significa fato ou ato. Todo ato produz um resultado, bom ou mau. Portanto, o ato não é pontual e neutro, ele é portador de suas próprias consequências. O *karma* indica que os seres humanos são herdeiros dos seus atos (CHENG, 2008).

<sup>4</sup> *Nirvana* é estado de superação dos desejos e término do ciclo de renascimentos (CHENG, 2008).

A personalidade ideal do budismo é 'buda', o 'iluminado'. É uma personalidade ideal destacada da sociedade. O budismo crê que a vida é dolorosa. As pessoas precisam eliminar toda luxúria e turbulência emocional para tornarem-se 'buda'. A personalidade ideal de 'buda' põe ênfase no 'sem ego', 'desinteresse' e 'sem desejos'. É muito difícil cumprir, porém os elementos racionais proporcionam uma medicina espiritual para as pessoas visarem o equilíbrio psicológico e acalmarem o excesso de desejos (tradução nossa) (ZHONGWEN; QIAOSHENG, 2011, p. 52).

É interessante constatar que foi em monastérios ou templos religiosos que muitas artes marciais orientais não só surgiram como também se desenvolveram (SHAHAR, 2011). Como uma prática corporal que simula um combate pode apresentar uma dimensão sagrada? Como possuir votos de paz e compaixão e, ao mesmo tempo, desenvolver e estudar uma arte marcial?

É no lugar onde prevalece uma intenção amorosa e o equilíbrio entre sabedoria e marcialidade que se encontram alguns aspectos espirituais no ensino e prática de uma arte marcial. Fazer arte marcial é aprender a experimentar e lidar com o ímpeto agonístico, ampliando a consciência de si e também do gesto, uma ação de cultivo do conhecimento e de amor e respeito à vida.

No filme de Kim Ki Duk, a arte de combate é evocada por meio do aperfeiçoamento da conduta e do autoconhecimento. Essa seria uma explicação razoável para compreender os motivos que levam o monge a praticar arte marcial no inverno de sua vida. Considerando isso, será realizada uma breve hermenêutica do filme com base nas estações que compõem os capítulos desta obra cinematográfica.

**Primavera:** Mestre e discípulo vão em busca de plantas comestíveis e medicinais. Nesta estação, percebe-se a felicidade infantil em diversas ações realizadas pelo jovem aprendiz: brincar, descansar, nadar, aprender.

Enquanto o aprendiz explora os arredores do templo, ele se deixa conduzir por seus impulsos cruéis e aprisiona alguns animais. O mestre realiza o mesmo feito com ele e mostra para o garoto que as consequências de pequenos atos podem durar a vida toda:

**Discípulo:** *Mestre, tem uma pedra nas minhas costas. Por favor, tire-a daí.*

**Mestre:** *Ela o incomoda?*

**Discípulo:** *Não consigo andar, é muito pesada.*

**Mestre:** *Como acha que o peixe, o sapo ou a cobra aguentaram?*

**Discípulo:** *Foi errado o que eu fiz.*

**Mestre:** *Vá procurar os animais e liberte-os das pedras. Aí eu o libertarei também. Mas se o peixe, o sapo ou a cobra estiverem mortos, você vai carregar esta pedra em seu coração pelo resto de sua vida. (PRIMAVERA, VERÃO, OUTONO, INVERNO ... e PRIMAVERA, 2003, cap. 01).*

O final do capítulo é marcado por um eloquente choro do discípulo em meio ao som da água do rio que corre violentamente ao fundo. A entrada para a vida adulta foi iniciada.

**Verão:** Chega uma jovem mulher enferma e a sua mãe. O mestre diz para a mãe que o problema de sua filha se encontra no espírito e, que assim que ele for curado, o corpo físico também se recuperará. Por sua vez, o jovem aprendiz se apega a moça e sucumbe a luxúria:

**Discípulo:** *Eu fiz uma coisa errada mestre, me perdoe.*

**Mestre:** *Isso acontece. É a natureza.*

*Ainda está doente menina?*

**Garota:** *Não.*

**Mestre:** *Então, foi o remédio certo. Agora que se recuperou, pode ir embora para casa.*

**Discípulo:** *Não, mestre. Não pode!*

**Mestre:** *A luxúria desperta o desejo da posse. E isso provoca a intenção de matar. (PRIMAVERA, VERÃO, OUTONO, INVERNO... e PRIMAVERA, 2003, cap. 02).*

O capítulo se encerra com a partida do discípulo que leva embora não apenas uma estátua de buda, mas também o galo de estimação do mestre. O mestre deixa o aprendiz seguir o caminho do infortúnio.

**Outono:** O discípulo agora com a idade aproximada de trinta anos, retorna ao templo após cometer homicídio, conforme havia previsto o mestre no capítulo anterior. Ele se encontra com o coração ‘ardendo’ em raiva e dor, pois não entende o porquê da sua esposa tê-lo abandonado.

O mestre pinta no chão os ideogramas que compõem o sutra da perfeita sabedoria (*prajnaparamita sutra*), para que o aprendiz possa gravar com a faca, enquanto expulsa o ódio do coração:

**Mestre:** *E aí, tem tido uma vida feliz? Conte-me o que tem havido de interessante na sua vida.*

**Discípulo:** *Deixe-me em paz, mestre! Não vê que estou sofrendo?*

**Mestre:** *Você já não sabia como é o mundo dos homens?*

*Às vezes, temos de nos desfazer de coisas das quais gostamos. Do que você gosta, outros também podem gostar.*

[...]

*Grave com a faca todos estes caracteres. E enquanto corta cada um... expulse o ódio do seu coração. (PRIMAVERA, VERÃO, OUTONO, INVERNO... e PRIMAVERA, 2003, cap. 03).*

No final do capítulo, o discípulo retorna para a civilização para cumprir sua pena por ter agido contra as leis morais da sociedade.

**Inverno:** O aprendiz retorna com a idade próxima dos quarenta anos. O mestre faleceu e o lago onde se encontra o templo está congelado. O discípulo se despede do mestre e realiza o seu treinamento marcial solitariamente.

Das quatro estações do filme, o inverno é a estação com menos diálogo humano. A trama se desenvolve no silêncio e nos rituais de despedida, preparação e iniciação.

O discípulo sobe o vale carregando uma estátua de buda. Ele também leva amarrada a si mesmo, uma pedra que simboliza suas dores e erros passados. Essa pedra será depositada no alto da montanha, assim como também a estátua de buda.

No final do capítulo, o discípulo senta-se calmo, sereno e com o seu coração tranquilo. Ele conquistou a paz que um dia teve quando criança, tornando-se agora um mestre.

**Primavera:** Retorna o ciclo das estações com uma nova relação entre discípulo e mestre. O filme finaliza-se com a estátua de buda olhando do alto da montanha, o pequeno aprendiz remando no fundo do vale.

O tema principal do filme é o comprometimento do discípulo com os seus atos (*karma*) e a pedagogia do mestre. As falhas do discípulo estão associadas a ignorância de não enxergar ‘as coisas’ tais como elas são e o papel do mestre é ajudar o discípulo a compreender e tomar consciência da sua ignorância.

É a ignorância que conduz o aprendiz a aprisionar os animais, a sucumbir à luxúria, a não enxergar que já não havia amor entre ele e a sua esposa, a cometer homicídio e a tentar incorrer em suicídio. É a ignorância que o conduz ao infortúnio. Neste contexto, o sutra da perfeita sabedoria (*prajnaparamita sutra*) adquire grande importância.

No inverno, o discípulo finalmente transcende a ignorância e o apego aos seus erros, tornando-se ao final da estação, um mestre. Apesar de não haver combate corporal homem a homem, o filme trata da dimensão da luta interior, de como tornar-se mais auspicioso através do reconhecimento das responsabilidades e do comprometimento com as ações que se pratica.

## COMBATE INTERIOR E ESPIRITUALIDADE

No contexto das diferentes práticas corporais, as artes marciais costumam chamar a atenção pela difusão de valores morais auspiciosos que são conquistados através da sua prática, o que constituiria uma forma de educação que poderia contribuir para que o ser humano caminhasse em direção ao além-do-homem. Tal caminhada se caracteriza pelo aperfeiçoamento através do cultivo de uma nova dimensão de si (SANTOS, 2021).

Uma proposta de tornar-se melhor do que é. Tarefa que exige uma reconfiguração de valores profundos e hábitos mais comuns. Esse processo de “tornar-se melhor” é um devir permanente, uma luta constante pela saída da zona de conforto.

O aperfeiçoamento através de uma arte marcial pressupõe não apenas a sofisticação das habilidades corporais de combate, mas também o aprimoramento da própria personalidade, de modo a transcender os conflitos inerentes à própria existência ou harmonizar os conflitos de ordem interior, ou seja, a excelência na condução da própria vida:

Quem se pauta pelo Caminho em seus afazeres é praticante do Caminho, e, assim, irmana-se ao Caminho. Pautando-se pela Virtude, une-se à Virtude. Pautando-se pelo fracasso, nivela-se ao fracasso. Aquele que se irmana ao Caminho, o Caminho regozija-se ao acolhê-lo. Aquele que se une à virtude, a virtude jubila-se ao acolhê-lo. Aquele que se nivela ao fracasso, o fracasso exulta ao arruiná-lo (LAOZI, 2016, p. 182-184).

Neste contexto, a prática marcial é deslocada do interesse por vencer o outro para vencer a si mesmo. E quem é esse “si mesmo”? Àquele que é preguiçoso, covarde, egoísta, invejoso, desinteressado. Trata-se de buscar a excelência com vistas à constante superação de si, não por vaidade ou interesses egoístas, mas para fazer da própria vida uma obra de arte. Assim, a prática marcial se transforma numa espécie de luta interna (MENDONÇA, 2013).

A arte marcial torna-se uma prática com vistas ao aperfeiçoamento de si através do estudo de técnicas combativas. É o que ocorre na estação do inverno no filme de Kim Ki Duk. Após consultar alguns livros, o monge começa a desenvolver a arte corporal de combate.

No filme, a técnica de combate apresentada se assemelha com a prática marcial coreana do *tae kwon do* (태권도), que pode ser traduzido como o caminho dos pés e das mãos, pois *tae* (tae) é voar, esmagar com os pés; *kwon* (kwon) é bater ou destruir com as mãos e *do* (do) é o caminho, a arte, o método (COOK, 2011). Além de técnicas de combate, é possível perceber também a execução de posturas corporais do yoga hindu, além é claro, da religião e filosofia budista presente de maneira marcante em todo filme.

O *prajnaparamita sutra* que é pintado pelo mestre e talhado pelo discípulo no piso do templo é normalmente interpretado como ‘o atingir a outra margem da sabedoria’ e traduzido por perfeição da sabedoria (POSSEBON, 2006). Este sutra diz em um dos seus trechos: “A forma é o vazio, como o vazio é a forma. Da forma não é separado o vazio, do vazio não é separada a forma” (POSSEBON, 2006, p. 123).

Essa é uma concepção de espiritualidade que representa a relação do ser humano com o divino de maneira nivelada, ou seja, o ser humano é o divino, o divino é o ser humano. Para Hadot (2019), tal experiência de união mística constituía o centro do pensamento da filosofia antiga de Plotino (205-270 d.C.):

Esse verdadeiro eu, esse eu em Deus, nos é interior. Em certas experiências privilegiadas, que elevam o nível de nossa tensão interior, nós nos identificamos com ele, nos tornamos esse eu eterno; sua beleza indizível nos emociona e, identificando-nos com ele, nos identificamos com o próprio pensamento divino, no qual ele está contido (HADOT, 2019, p. 29).

Nessa lógica, o mundo espiritual não é outro senão o si mesmo mais profundo. Pode-se atingi-lo imediatamente entrando em consigo. Mas se o mundo espiritual está em nós, ele também está fora de nós, basta saber olhar fora de si para percebê-lo (HADOT, 2019).

Não há a ideia de um ego individual, próprio de cada um. O que anima cada ser nada mais é do que o reflexo da divindade, através da experiência mística da unidade com todos os seres. Para encontrar Deus, não é necessário dirigir-se aos templos onde ele habitaria. Deve-se transformar a si mesmo em um templo no qual a presença divina poderá se manifestar (HADOT, 2019).

Nas tradições espirituais orientais, a constituição de um aparente ego se dá pelo surgimento da ignorância, que leva o ser humano a imaginar-se estável e permanente. Mas esta estabilidade é ilusória, pois todos os elementos de sua constituição são também instáveis: a forma material, a sensação, a percepção, a intenção e a consciência. Do apego ao que não se pode manter como seu, nasce o sofrimento (POSSEBON, 2006).

A libertação do sofrimento se fará por meio do conhecimento dessas verdades. Pela meditação, o ser humano atinge o coração dessa sabedoria, tornando-se desperto. Neste momento, o suposto ego reintegra-se ao vazio, livrando-se definitivamente do sofrimento.

No filme de Kim Ki Duk, o discípulo sucumbe à dimensão negativa da vida social por ignorância de não enxergar ‘as coisas’ tais como elas são, por isso, comete ações motivadas por razões egoístas. De fato, a vontade humana não é perfeita, não é uma vontade santa. Os seres humanos são ontologicamente constituídos de tal forma, que a razão é limitada pela sensibilidade constituída de impulsos, desejos, inclinações, propensões e interesses egoístas (GIACÓIA Jr, 2012).

De que modo as artes marciais podem concorrer para o processo de espiritualização de seus praticantes? De maneira sintética, será abordada a dimensão sutil do corpo, a constituição de um espaço e tempo sagrado de prática marcial e a relação eminentemente espiritualizada que se estabelece entre mestre e aprendizes.

## **CORPO, PEDAGOGIA E RITUALIDADE NAS ARTES MARCIAIS**

As habilidades marciais podem ser consideradas uma sofisticação das capacidades inatas de ação física. Qualquer ser humano, sem necessidades especiais, é capaz de usar o corpo para emitir golpes de ataque ou defesa, mesmo que de forma rudimentar. É nas artes marciais que essas capacidades são refinadas, graças a pedagogia do mestre. Como a arte de combater possui seus encantos e atrai o interesse humano, esse conhecimento e quem o ensina, possuem uma aura especial na contemporaneidade.

Neste processo, atribui-se prestígio ao mestre e, com frequência, cultua-se uma relação de respeito e reverência para com ele. O mestre é reconhecido como o detentor de um saber e de uma responsabilidade que transcende a questão das habilidades e dos saberes específicos da arte marcial, pois ele se compromete também com a conduta e a realização pessoal dos praticantes. Um bom mestre sabe que tal engajamento é delicado e difícil de suportar, por isso, buscará orientar os seus aprendizes para que prescindam dele o quanto antes.

Dessa relação de proteção e salvaguarda que se estabelece entre mestre e aprendizes, surge uma dimensão pedagógica espiritualizada. Não é à toa que na maior parte das artes marciais, é comum se saudar os mestres vivos ou mortos, pois eles constituem um documento de hierofania<sup>5</sup>, na medida que adquirem uma dimensão sagrada no universo simbólico dos praticantes (ELIADE, 2016).

Além de uma relação espiritualizada, a pedagogia marcial também pode abordar uma dimensão metafísica do corpo. Neste caso, o movimento ‘externo’ está imbricado com a sensação ‘interna’ do praticante.

Nietzsche (2018) diz que ‘alma’ é apenas uma palavra para algo que existe no corpo e que uma grande razão reside no corpo. O filósofo de Zaratustra aponta para uma dimensão sutil no corpo que a ciência moderna ainda não alcançou.

---

<sup>5</sup> Hierofania se origina da composição entre *hierós*, que significa sagrado e *pháino*, que significa manifestação. Hierofania é algo sagrado que se manifesta como uma espécie de documento. Cada documento é uma manifestação do sagrado no universo mental daqueles que o compartilham (ELIADE, 2016).

Espírito guerreiro é um termo que configura uma espécie de intencionalidade e que repercute de maneira significativa na estruturação de uma técnica marcial. Aqui, a relação entre corpo físico e sutil adquire a maior importância, pois para praticar um gesto marcial virtuoso, é preciso provê-lo de uma intencionalidade metafísica:

A teoria é bastante sutil, porém fácil de entender. Seu verdadeiro significado está oculto e é profundo. A teoria inclui tanto as portas grandes [duplas/ataque] quanto as pequenas [simples/defesa], e os aspectos *yin* [passivo/recuar] e *yang* [ativo/atacar]. Os preceitos seguintes são aplicáveis a todas as formas de combate corporal: fortaleça o espírito interior, mostre-se calmo; demonstre a aparência de uma mulher discreta e lute como um tigre feroz; gere energia por todo o corpo e movimente-se com o espírito; Permaneça distante e impenetrável como o sol, e rápido e ágil como uma lebre que salta; agora seu adversário o está vendo [persegue sua imagem], e agora não [persegue sua sombra]; de um lado para o outro, para a frente e para trás, ataque direto ou ao contrário, o adversário não os ouve [seus movimentos não são telegrafados] (ACEVEDO; GUTIÉRREZ; CHEUNG, 2011, p. 82).

As artes marciais podem possibilitar uma aproximação da dimensão sutil do corpo humano, ao lidar com os aspectos metafísicos que surgem no contexto de um combate, ainda que seja apenas um combate dissimulado. A prática marcial possibilita um tempo e espaço propício para que essa dimensão corpórea seja sentida e refinada e, neste processo, o gesto marcial é aprimorado.

Outra intrigante relação entre corpo físico e sutil é a que ocorre na arte corporal da capoeira, uma prática marcial que transita com bastante fluidez entre dança, jogo e teatro. Neste caso, seria a musicalidade de matriz africana que promoveria uma espécie de ‘transe’. Essa condição fenomenal acontece a partir do código ritualístico que, através da música e da dança, transporta os praticantes para um estado mais profundo de interação. É uma situação de integração máxima entre os participantes: não há mais ‘eu’ nem ‘outro’, e sim ‘nós’, ou seja, a roda de capoeira. É através da música que se manifesta um aspecto metafísico que emana da ancestralidade africana e com ligações profundas com os praticantes (Castro Júnior, 2004).

Tal fenômeno encontra semelhança nos cultos dionisíacos da Grécia antiga, em que a razão abre espaço para a fruição:

No culto grego, os devotos de Dioniso, após dança vertiginosa, próximos à fadiga total, acreditavam sair de si pelo *ecstasis* (êxtase). O *ecstasis* permitia ao adorador receber o mergulho de Dioniso em seu corpo, pelo processo chamado de *enthusiasmós* (entusiasmo). É nesse momento mágico do *enthusiasmós* que o homem supera a si mesmo, vai além de sua condição transitória e de sua miséria existencial (BARJUD; SILVA; ROBLE, 2018, p. 03).

No ditirambo dionisíaco o ser humano é estimulado a atingir uma intensificação extrema das suas faculdades simbólicas. Agora a essência da natureza deve se exprimir simbolicamente através de um gestual a mover ritmicamente o corpo (NIETZSCHE, 2020).

Cantando e dançando se manifesta o ser humano, como membro de uma comunidade superior: “Agora, cada qual se sente não apenas unido, reconciliado, fundido com seu próximo, mas um com ele, como se o véu de *maya* estivesse rasgado e apenas seus farrapos tremulassem ante o misterioso Um primordial” (NIETZSCHE, 2020, p. 25).

Procedimentos ritualísticos são comuns no contexto marcial. A ritualidade é tanto uma reiteração quanto uma atualização de uma dada perspectiva sagrada. O homem religioso vive em duas espécies de tempo, das quais o tempo sagrado, se apresenta sob o aspecto paradoxal de um tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos (ELIADE, 2018).

Um rito bastante comum no contexto marcial é a saudação do espaço, do mestre ou dos demais praticantes da arte. Em quase todas as artes marciais, a prática inicia-se com uma saudação distinta das que são realizadas no tempo profano. Normalmente, é a saudação que promove a abertura para o tempo sagrado de prática marcial.

Um ritual realiza-se sempre da maneira possível num determinado momento histórico. Na antiguidade, os samurais realizavam a saudação na postura sentada e com o cuidado de preservar a possibilidade de desembainhar a espada rapidamente, caso necessário. Atualmente, a saudação realiza-se de maneira breve, muitas das vezes, na postura em pé. A saudação nas artes marciais adquiriu uma conotação de hierofania:

Consistindo sempre o rito na repetição de um gesto arquétipo realizado *in illo tempore* pelos antepassados ou pelos deuses, se tenta ontificar, por intermédio da hierofania, os atos mais vulgares e mais insignificantes. Pela repetição, o rito coincide com o seu arquétipo, e o tempo profano é abolido (ELIADE, 2016, p. 36).

Nas artes marciais há um conjunto de práticas e símbolos que instauram espaços de ritos: rituais de festejo, de agradecimento, de louvação, de consagração, de respeito às tradições e aos mestres. Esses rituais tornam-se importantes momentos de experimentação do sagrado e de consagração entre os praticantes, constituindo-se de um conjunto de práticas e ritos que orientam e dão conforto para o drama humano da contingência.

No caso do filme de Kim Ki Duk, foi preciso muitos anos de dedicação e combate interior para alcançar uma excelência na conduta de vida. Seria a arte marcial uma via espiritualizada que poderia possibilitar essa excelência na vida, para além das habilidades físicas de combate?

Nossa hipótese é a de que além disso, a espiritualidade também pode colaborar para que o ser humano não se torne nefasto através de uma técnica marcial.

No livro a gaia ciência, em um parágrafo notavelmente intitulado de o mais pesado dos pesos, Nietzsche (1978) questiona qual seria a nossa reação após saber que esta vida com todas as suas amarguras e prazeres se repetiria eternamente, não apenas uma vez, mas inúmeras vezes. Nos lançaríamos ao chão e rangeríamos os dentes ou, de outro modo, proclamaríamos como uma revelação divina?

O eterno retorno do mesmo significa o encontro e a pacificação com o aqui e agora, com a aceitação da vida como ela é. Para suportar esse pensamento, é preciso amar dionisiacamente a vida. Só um ser perfeitamente feliz poderia querer uma tal repetição eterna:

O pessimismo é necessariamente sinal de declínio, decadência, malogro, de instintos cansados e debilitados? - como foi entre os hindus, como, ao que parece, é entre nós, homens 'modernos' e europeus? Existe um pessimismo da força? Uma propensão intelectual para o que é duro, terrível, mau, problemático na existência, nascida do bem-estar, da saúde exuberante, da plenitude da existência? [...] O que significa, justamente entre os gregos da época melhor, mais forte, mais valente, o mito trágico? E o tremendo fenômeno do dionisíaco? E a tragédia, dele nascida? (NIETZSCHE, 2020, p. 09-10).

Se a roda do *samsara* - que é representada no filme pelo retorno do *karma* do discípulo e os ciclos das estações do ano - só pode ser interrompida por uma concepção de vida prática e espiritual dificilmente de ser atingida, a fórmula de Nietzsche (2008) para o que existe de grandeza no homem é o *amor fati*: nada querer senão aquilo que é, nem no futuro, nem no passado, nem em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo, mas amá-lo.

Amor ao destino seria uma concepção espiritualizada capaz de interromper a roda do *samsara*, concepção esta que floresceu provavelmente de uma vida que se cultivou no combate interior, assim como o discípulo ao longo do filme de Kim Ki Duk.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa cinematográfica de Primavera, Verão, Outono, Inverno... e Primavera se desvia do enredo que apresenta a arte marcial como instrumento de sobrepujança do outro. Ao invés disso, nesse filme, é a constante luta interna pela superação de si e o comprometimento com os erros, que irá propiciar uma excelência na conduta humana, isso graças a presença amorosa de um mestre.

A contribuição do filme para uma análise das artes marciais se dá pela via do ritual pedagógico espiritualizado que ocorre entre o mestre e o discípulo, além do silêncio e da paisagem

exuberante, que contrastam com os sentimentos do aprendiz em constante combate interior, até a conquista da paz e da serenidade no inverno da vida.

Foi apresentada a ideia de que as artes marciais possibilitam um processo de espiritualização do praticante através da sua pedagogia particular, da dimensão sutil do corpo e também dos rituais que se estabelecem durante a prática marcial. Após estes apontamentos, cabe a pergunta se a arte marcial poderia ser uma prática de espiritualização capaz de promover a perspectiva de cuidado de si e de maior inter-relação com o outro?

Nossa hipótese é a de que a espiritualidade no contexto marcial pode contribuir tanto para uma perspectiva de não fazer uso da técnica de combate de maneira perversa, como também colaborar para uma concepção mística de maior integridade com o todo. O pressuposto é que o seu ensino parta de professores e mestres que também estejam focados nessa dimensão espiritual.

A espiritualidade está imbricada com aspectos metafísicos que fogem da quantificação ou até mesmo da expressão através da linguagem. Abordar esse tema no contexto acadêmico, constitui um desafio, dado o momento histórico em que a prevalência da ciência situa-se sobre o que é matematizável ou exprimível. Por outro lado, Eliade (2018) diz que não há existência humana que não traga consigo qualquer tipo de influência religiosa e que não se manifeste em seus comportamentos.

Sendo uma filosofia prática, a arte marcial pode possibilitar o estudo e a reflexão sobre a relação entre espiritualidade e corpo e, muitas vezes, mais importante do que respostas, é fazer perguntas a respeito dessa relação.

## REFERÊNCIAS

2001: uma odisseia no espaço. Direção de Stanley Kubrick. EUA: Warner, 1968. 1 DVD (148 min.), DVD, son., color. Legendado.

봄 여름 가을 겨울 그리고 봄 (Primavera, Verão, Outono, Inverno... e Primavera). Direção: Kim Ki Duk. Alemanha; Coreia do Sul: LJ Film, 2003. 1 DVD (103 min), DVD, son., color. Legendado.

ACEVEDO, William; GUTIÉRREZ, Carlos; CHEUNG, Mei. **Breve história do Kung Fu**. São Paulo: Madras, 2011.

ARMSTRONG, Karen. **Buda**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BARJUD, Renan Almeida; SILVA, Fidel Machado de Castro; ROBLE, Odilon José. Aproximações entre a roda de capoeira e o coro ditirâmico nos rituais dionisíacos da Grécia antiga. **Journal of Physical Education**. v. 29, 2018. <https://doi.org/10.4025/jphyeduc.v29i1.2948>

- CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. Capoeira Angola: Olhares e Toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 02, p. 143-158, 2004. Disponível em <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/232>. Acesso em 21 jun. 2022.
- CHENG, Anne. **História do pensamento chinês**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CHUNG, Hye Seung. **Kim Ki Duk**. Chicago: Urbana University of Illinois, 2012.
- COOK, Doug. **Taekwondo tradicional: técnicas essenciais, história e filosofia**. São Paulo: Madras, 2011.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.
- GIACÓIA Jr., Oswaldo. **Nietzsche x Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2012.
- GIACÓIA Jr., Oswaldo. **Pequeno dicionário de filosofia contemporânea**. São Paulo: Publifolha, 2010.
- HADOT, Pierre. **Plotino ou a simplicidade do olhar**. São Paulo: É Realizações, 2019.
- JÄGER, Willigis. **A onda é o mar: espiritualidade mística**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LAOZI. **Dao De Jing: Escritura do Caminho e Escritura da Virtude com os comentários do Senhor às Margens do Rio**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- MENDONÇA, Samuel. Filosofia, Saúde e Arte Marcial: a dimensão individual e interna da luta. In: ANTUNES, Marcelo Moreira; IWANAGA, Carla Carvalho. **Aspectos multidisciplinares das artes marciais**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- MIN, Hyunjun. Kim Ki Duk and the cinema of sensations. 2008. 176p. **Tese** (Doutorado em Literatura Comparada). Department of the comparative literature, University of Maryland. College Park, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia: ou, os gregos e o pessimismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- POSSEBON, Fabricio. **O Sutra do Coração da Sabedoria**. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (UFPB), João Pessoa, v. 03, n. 01, p. 117-124, 2006. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/view/7479/4545>. Acesso em 21 jun de 2022.
- RUBIO DOS SANTOS, Melissa. (Nos) Labirintos Imagéticos de Time (Shigan) de Kim Ki Duk: olhar, corpo e discurso amoroso. 2015. 118p. **Dissertação** (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.
- SANTOS, Gilbert de Oliveira. Arte marcial, cinema e moralidade: impulsos do corpo e o cultivo de si. **Movimento**, v. 27, 2021. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.107568>

SHAHAR, Meir. **O mosteiro de shaolin**: história, religião e as artes marciais chinesas. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ZHONGWEN, Shi; QIAOSHENG, Chen. **Cultura China**. Beijing: China Intercontinental Press, 2011.

## NOTAS DE AUTOR

**AGRADECIMENTOS** - Não se aplica

**CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA** - Não se aplica

**FINANCIAMENTO** - Não se aplica

**CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM** - Não se aplica

**APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA** - Não se aplica

**CONFLITO DE INTERESSES** - Não se aplica

### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à Motrivivência - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins não comerciais, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, compartilhar igual. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins não comerciais e compartilhar com a mesma licença.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

### EDITOR DE SEÇÃO

Leticia de Assis

### REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosario, Maria Vitória Duarte.

### HISTÓRICO

Recebido em: 21 de junho de 2022.

Aprovado em: 5 de agosto de 2022.

